

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Ana Mae Barbosa

A Escolinha de Arte do Brasil (EAB) completa 72 anos e está lutando pela sobrevivência. As jovens arte/educadoras que nela trabalham agora me convidaram para escrever sobre minhas experiências com o Movimento Escolinhas de Arte (MEA). Comecei a escrever um depoimento bem pessoal quando a escrita foi interrompida no auge da pandemia do Coronavírus no Brasil, quando minha família foi atingida pela tragédia. Agora ao procurar o texto para completa-lo encontrei 183 textos meus nos quais menciono a Escolinha de Arte do Brasil e não encontrei o último que estava escrevendo para Patrícia. Vou recomeçar. Como historiadora do Ensino da Arte no Brasil, o número de referências que faço a EAB nas minhas pesquisas comprovam a grande importância que dou historicamente a essa instituição.

A Escolinha de Arte do Brasil foi criada no bojo da reconstrução social e educacional após a Ditadura do Estado Novo, que havia destruído o sistema educacional implantado por educadores renovadores no Brasil entre as duas guerras mundiais. Depois da Primeira Guerra mundial (1918) até o início da Segunda Guerra mundial (1937), todo o ocidente se movimentou em direção à libertação da educação de dogmas disciplinares do passado como o ensino livresco, o autoritarismo, a homogeneização. A renovação teve diversos nomes: Escola Nova, Escola Ativa, Progressive Schools, etc.

Joanna Grudzinska lançou em 2014 o filme *Uma frágil felicidade, a Educação Nova entre as duas guerras mundiais* (90 minutos, França) com imagens das escolas de Montessori, Geheeb, Decroly, Steiner, Freinet, Korczac, Makarenko, Ferrière, Neil.

Nos Estados Unidos neste período lideraram John Dewey e a inglesa Beatrice Ensor. No Brasil os líderes da Escola Nova que mais admiro são Armanda Álvaro Alberto, Cecília Meireles, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira.

O pioneirismo acerca da formação de professores para o Ensino Modernista do Desenho no Brasil se deve a Anísio Teixeira com a criação do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal (UDF, 1935-1939)¹, o pioneirismo em relação a preparação de professores

¹ PERES, José Roberto Pereira. *O instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal: uma experiência modernista de formação de professores de artes (desenho e pintura) para o Ensino Secundário (1935-1939)*.

para o Ensino Modernista das Artes no Brasil se deve a Escolinha de Arte do Brasil, que começou em 1961 com o Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)² e que acompanhei até 1981 quando D. Noemia foi moralmente pressionada a se aposentar da EAB, episódio de luta de classes que devia ser mais transparentemente analisado em nome da História.³

Minha formação não foi filiada a EAB, mas diretamente a Noemia Varela na Escolinha de Arte do Recife (EAR) que ela criou com o beneplácito de Augusto Rodrigues em 1953, mas a EAB era a matriz de todas nós que pertencíamos ao Movimento Escolinhas de Arte (MEA). Augusto se referia a mim e a Laís Aderne como “filhas de Noemia”. Incorporamos afetivamente a designação e nos vimos a vida toda como filhas intelectuais de D. Noemia. Para mim, criança órfã desde os seis anos de idade que vivia a procura de pai, mãe e irmãos, essa foi a deixa que avidamente aceitei. Ela um dia até nos disse que achava bom não termos ciúmes uma da outra (Laís e eu).

Contudo, Augusto era magnânimo, um homem sem mesquinha e apoiou as filhas de D. Noemia em nossa caminhada profissional, embora nem sempre concordasse conosco como nem sempre concordava com D. Noemia. Augusto era como diz Jader de Britto um intuitivo, mas em suas características incluiu a generosidade e o fato de ser carismático, além de muito inteligente e um mediador excelente entre a EAB e a imprensa da qual fazia parte. Adorava o trabalho dele como caricaturista. Tenho o hábito de colecionar caricaturas que fazem de mim e de minhas amigas. Sei que gostar de caricaturas foi influência dele. D. Noemia era a sistematizadora, a teorizadora, a intelectual da EAB.

Ela deixou no Recife seu cargo de professora efetiva da Universidade do Recife, hoje UFPE para se dedicar a tornar a EAB, a universidade da Arte/Educação da época.

E foi muito bem sucedida. Sem ser feminista declarada, o era na prática comportamental. Estava sempre pronta para apoiar a iniciativa das mulheres mais jovens e das suas discípulas. Tratava igualitariamente mulheres e homens, embora nem sempre fosse respeitada por eles e pelas mulheres machistas. Marília Rodrigues, uma das grandes mulheres que ajudaram a fazer

Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ: 2020. Orientação Patrícia Coelho

² LIMA, Sidiney Peterson F. de, *O Curso Intensivo de Arte na Educação e a formação do especialista em arte na educação*. IA-UNESP, tese de Doutorado, 2020. Orientação Rejane Coutinho.

³ BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. BH: Editora Comarte, 1978 na pag. 169 à 193. Contamos o fato, Laís Aderne, Zaíra Milne e eu mas não analisamos as consequências históricas que foram muito negativas. Apesar dos esforços legítimos de Celeste, nunca mais o CIAE teve a relevância curricular que teve no tempo de D. Noemia (1961-1981). Louvo os esforços da equipe que hoje trabalha na EAB mas se colocarem, como sempre faz a sociedade a decisiva importância da colaboração das mulheres trabalhadoras da EAB debaixo do tapete, não terão sucesso.

a EAB e eu fomos colegas do Instituto Central de Arte da Universidade de Brasília (UNB) em 1965. Não nos julgávamos feministas na época, mas conversamos muito sobre a desconsideração da sociedade machista (mulheres inclusive) em relação a D. Noemia. Valorizar as mulheres da EAB não é criticar Augusto. O apagamento ou menosprezo pelas mulheres é atitude retrógrada. Reconheço o espírito antecipador de Augusto. Ele foi pós-moderno antes do tempo no reconhecimento da Cultura Popular no mesmo patamar que a Cultura Erudita, talvez porque desprezasse o esnobismo acadêmico da época.

A Escolinha de Arte do Brasil já foi acusada de polivalente mas não é verdade, pois havia professoras de Música, professores de Teatro e de Artes Visuais com equivalências metodológicas comuns, o que caracteriza a interdisciplinaridade.

A EAB também foi acusada de apenas “deixar fazer”, o que é equivocado. Havia planejamento e objetivos para o desenvolvimento das atividades, havia conscientização e estímulos. A prática das Escolinhas é que foi deturpada em outros espaços educacionais, muitas vezes se limitando ao uso de uma apostila que a EAB distribuía de técnicas de Desenho e Pintura.

Falta pesquisa séria sobre a EAB principalmente sobre questões de gênero, estratégias políticas, governança e classes sociais além de teorias educacionais.

Criei duas Escolinhas de Arte: a da Universidade de Brasília (UNB) em 1965, baseada na combinação de ideias da Bauhaus e ideias do Movimento Escolinhas de Arte (MEA).

Dr. Alcides da Rocha Miranda, meu chefe na UNB era “bauhausiano” e fora aluno da Universidade do Distrito Federal de Anísio Teixeira. Fomos, ele, eu e mais 200 professores demitidos pela Ditadura dias antes da inauguração da Escolinha, já com o número total de vagas preenchidas e todo mobiliário de bom design, resultado do primeiro mestrado defendido no Brasil através da apresentação do objeto. Outro pioneirismo foi o fato da UNB ter feito o primeiro Encontro (“*1º Seminário de Arte e Educação*”) de Arte/Educação realizado numa universidade brasileira.

Anísio Teixeira era tão grandioso que criou duas Universidades de ponta interrompidas por duas ditaduras: a UDF pelo Estado Novo e a UNB pela Ditadura Militar/Civil.

A outra que criei foi a Escolinha de Arte de São Paulo (EASP), um paraíso de experimentação e pesquisa.⁴

D. Noemia e Augusto ajudaram e Augusto estava presente pessoalmente para a criação das duas. Lembro que para a criação da EASP, José Mindlin foi o estimulador pagando a passagem de Augusto que ficou em minha casa, dormindo sem conforto nenhum, num sofá no escritório do meu marido.⁵

O grau de generosidade de Augusto e D. Noêmia era semelhante, mudava apenas a natureza: a generosidade dele era material e a dela intelectual, aceitando de suas alunas ideias diferentes das ideias dela, embora as discutisse.

Trata disso a dissertação de Fernando de Azevedo⁶.

Espero que surjam mais pesquisas⁷ especialmente sobre as mulheres arte/educadoras da EAB como Laís Aderne, Lea Elliot, Cecília Conde, Vania Granja, Maria Teresa e a famosa cozinheira que nos reunia ao redor da mesa e nos brindava com muito prazer. Para meu pecado não lembro o nome dela e de muitas outras que ajudaram a consolidar a EAB.

Viva Orlando Miranda que preservou com o zelo que merece o arquivo da EAB para alimentar essas futuras pesquisas, além de republicar o jornal/revista da EAB para o qual D. Noemia contribuiu muito mais como eminência parda do que publicando artigos.

O texto que perdi no computador começava analisando entusiasticamente a coleção desses periódicos.

SUCESSO para a nova geração na luta para preservação da EAB e seu acervo tão significativo para a História do Ensino da Arte no Brasil. Contem comigo.

Ana Mae Barbosa

⁴ LIMA, Sidiney Peterson F. de. *Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história*. IA-UNESP, Dissertação de Mestrado. 2014. Orientação Rejane Coutinho

DUARTE, Maria de Souza. *Educação pela Arte numa cidade nova: o caso de Brasília*. DF/UNB. Dissertação de mestrado, 1982.

⁵ Meu marido João Alexandre Barbosa era sobrinho de Irene Barbosa casada com o irmão de Augusto, Abelardo Rodrigues e muito ligado ao tio, pois era o único da família a entender a escolha de meu marido por uma profissão literária.

⁶ AZEVEDO, Fernando Antonio Gonçalves. *Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa*. São Paulo: ECA/USP. Dissertação de mestrado, 2000. Orientação Regina Machado.

⁷ Everson Melquíades, pesquisador da FE da UFPE localizou 16 teses e dissertações sobre Escolinhas de Arte uma delas sobre a EAB. Eu examinei oito.

Bibliografia

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. *Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa*. São Paulo: ECA/USP. Dissertação de mestrado, 2000. Orientação Regina Machado.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. BH: Editora Com Arte, 1978.

DUARTE, Maria de Souza. *Educação pela Arte numa cidade nova: o caso de Brasília*. DF/UNB. Dissertação de mestrado, 1982.

JEAN, Yvonne. **Escolinha de Arte promove seminário**. Jornal Correio Brasiliense. Brasília, 12 de agosto de 1965.

LIMA, Sidiney Peterson F. de. *Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história*. IA-UNESP, Dissertação de Mestrado. 2014. Orientação Rejane Coutinho.

LIMA, Sidiney Peterson F. de, *O Curso Intensivo de Arte na Educação e a formação do especialista em arte na educação*. IA-UNESP, tese de Doutorado. 2020. Orientação Rejane Coutinho.

PERES, José Roberto Pereira. *O instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal: uma experiência modernista de formação de professores de artes (desenho e pintura) para o Ensino Secundário (1935-1939)*. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ: 2020. Orientação Patrícia Coelho.

TEIXEIRA, Anísio. "As escolinhas de arte de Augusto Rodrigues". *Arte e Educação*. Rio de Janeiro, v.1, n.1, set. 1970. p.3. <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/escolinhas.html> consulta dia 8/8/2020.